

Juventude

FILIFE LA FÉRIA ENCENA O MUSICAL DOS MUSICAIS E TRAZ DE NOVO AO PALCO DO POLITEAMA TALENTOS DESCONHECIDOS

TEXTO DE CRISTINA MARGATO
FOTOGRAFIA DE TIAGO MIRANDA

NUMA CAMA suspensa, os amantes nova-iorquinos encontram-se. Neste único momento de liberdade, para o Romeu e a Julieta do século XX, há um terceiro elemento que lhe assiste. Não é um espírito maléfico, mas um «maestro» que lhe conduz os movimentos. Filife La Féria, o encenador que 50 anos depois da estreia de *West Side Story* — Amor sem Barreiras o adapta a língua portuguesa e o traz à cena no palco do Teatro Politeama, em Lisboa, não está na plateia, mas debruçado sobre o balcão esquerdo. E mesmo que os actores pareçam não o ver, sentem-no, como se ele fosse o fantasma que os encaminha. Cantam e amam para ele.

A história deste musical, com concepção de Jerome Robbins, guião de Arthur Laurents, música de Leonard Bernstein, e libreto de Stephen Sondheim, é conhecida: decaia o clássico de Shakespeare, sem contudo roubar os nomes dos protagonistas. Julieta é Maria, uma porto-riquenha acabada de chegar a Nova Iorque, e Romeu é Tony, um norte-americano filho de polacos. Entre eles existem enormes barreiras, que o amor não vai conseguir derrubar. O mal e o bem, o feminino e o masculino digladiam-se. Básico na oposição dos elemen-

tos, *West Side Story* não destrói as diferenças sociais. Derruba, contudo, hierarquias entre as artes, colocando-as todas ao mesmo nível: «Aqui tudo é importante, a coreografia, a música, o texto», explica La Féria, para assim acentuar a dificuldade de trabalhar um musical que fez história dentro do género e há cinco décadas se repete por todo o mundo.

Nesta produção, as personagens principais misturam velhos nomes do musical de La Féria com novos intérpretes que se desdobram nalguns casos nas personagens principais: Maria, a protagonista, é

DOIS GRUPOS de jovens irreduzíveis. À solta nas ruas de Nova Iorque

Bárbara Barradas e Cátia Tavares; Tony, o seu amante, é Rui Andrade e Ricardo Soler, Anita, cunhada de Maria é Anabela e Lúcia Moniz. Para La Féria, este é também resultado de um caminho pessoal que começou em *My Fair Lady* e passou por *Música no Coração* e por *Um Violino no Telhado*.

O director relembra a velha intenção de o levar a cena desde que viu o filme com o mesmo nome do musical. Adolescente na altura, recorda não só a estreia no Monumental como as subsequentes filas à porta da loja Porfírios, onde a «juventude rebel-

de» portuguesa queria comprar calças de ganga, do género das que os dois gangs nova-iorquinos — os Jactos e os Tubarões — usavam no cinema.

No palco do Politeama, a ganga mistura-se com as várias cores do cetim, com a explosão de cores do cenário, com os sapatos revestidos a tecido que dançam nos pés de bailarinas russas, contratadas de propósito para o musical. Fizem três audições, a que apareceram 500 candidatos. La Féria justifica esta incansável necessidade de juntar gente nova ao seu musical: «Portugal tem talento, mas falta trabalho. Por is-

«Só se consegue algo de qualidade quando se trabalham os pormenores dos pormenores»

so me preparo finalmente para abrir uma escola no Politeama.»

No momento em que faltam apenas três dias para a estreia, o encenador já só se concentra nos pormenores: «Acredito que só se consegue algo de qualidade quando se trabalham os pormenores dos pormenores.» Por isso, vigia cada movimento, cada projector, cada figurino. Se os microfones fazem ruído, o encenador interrompe e dá ordem de reinício com o equipamento revisito. Quem trabalha com ele sabe que não pode ser de outra forma. No intervalo, um dos técnicos do teatro confessa ao «Expres-

so»: «Aqui trabalha-se muito mas só se se quiser.» A equipa, de resto, é a primeira a investir no musical, lembra o encenador: «Durante os dois meses de ensaio só lhes pago metade do salário, o resto é retribuído quando o espectáculo começa a fazer carreira. Se não fosse assim não era possível», afirma, sem se queixar da crise financeira: «Há seis meses que tenho *Um Violino no Telhado* a esgotar no Porto.» Pelos lados do Politeama, e das produções de La Féria, o suor corre e o vermelho não mancha as costas.

cmargato@expresso.pt

